



UM REGIONALISMO DE MEMÓRIA: SOBRE *APÁTRIDAS*, DE ALEJANDRO CHACOFF

CHACOFF, ALEJANDRO. *APÁTRIDAS*. 1ª. EDIÇÃO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2020.

Pedro Lucas de Lima Freire
Bezerra*

* pedrolucas@ufrn.edu.br
Doutorando em Literatura Comparada pela UFRN (Natal/RN), é mestre em Literatura Comparada também pela UFRN. Estuda atualmente as relações entre Literatura e desaparecimento nas obras de Roberto Bolaño e César Aira.

O regionalismo faz parte da Literatura Brasileira desde o século XIX: nomes como José de Alencar, Visconde de Taunay e Bernardo Guimarães já praticavam o romantismo (moda do período) mesclado ao ambiente regional, capturando a cor local e os aspectos temporais e geográficos daqueles ambientes do Brasil profundo. Essa tendência se solidificou na chamada geração de 1930 no romance brasileiro (com nomes que representavam o regionalismo em todas as regiões do país, mas notadamente com representantes da região Nordeste), e teve representantes pontuais ao longo das décadas seguintes até chegar aos dias atuais. O crítico João Luiz Lafetá (2000), um dos principais teóricos sobre o romance de 30, ressalta que com algum equívoco as obras daquele período são lidas como homogêneas, como parte de um grande programa

estético; fato é que aquelas obras se valiam de liberdades estéticas, temáticas e linguísticas das revoluções advindas da Semana de Arte Moderna, mas com ênfase no propósito político de seus autores. Isso acabou trazendo uma noção cristalizada de regionalismo, que por vezes aprisiona a singularidade dos escritores em nome de sua parte em uma fase da Literatura Brasileira. Essa noção atravessou a interpretação do romance regionalista de 1930 e todo o espectro do romance regional.

Nas últimas décadas, o romance regional aparece bem menos na Literatura Brasileira. Entretanto, alguns autores e obras surgiram esparsamente como representantes de uma atualização e retomada do romance regional no país. Um bom exemplo dessa presença tímida, mas

ainda significativa, é o romance *Torto Arado* (2019), um dos livros mais premiados dos últimos anos no país, sucesso de público e crítica. Embora o autor Itamar Vieira Júnior não concorde com a classificação, seu romance se conecta com romances pregressos do regionalismo, por sua linguagem, por seus temas e pelo espaço, onde as personagens trazem uma dicção regional. Romances como *Cinzas do Norte* (2008) e *Órfãos do Eldorado* (2012), de Milton Hatoum, *Coivara da Memória* (2001), e *Os desvalidos* (1993), de Francisco J.C. Dantas, *Sombra Severa* (2001), de Raimundo Carrero, *O voo da Guará Vermelha* (2004), *Outros Cantos* (2006), de Maria Valéria Rezende, *Gado Novo* (2011), de Guille Thomazi, e diversos outros dialogam com o regionalismo brasileiro sem necessariamente repetir aspectos sectários e limitadores que a crítica buscou impetrar ao romance dito regionalista. Torna-se reducionista tratar alguns desses livros citados como regionalistas (do mesmo modo que se referir a *Grande Sertão: Veredas* desse modo também reduz a complexidade do livro), mas o que procuramos entender é como o espaço na narrativa é essencial para o texto, sendo uma imponente característica dessas obras.

É certo que a classificação de um livro como “regionalista” parece cristalizá-lo como exótico, dado que essa categorização vem de uma crítica que pensa seu centro

a partir do Sudeste do país, mas a noção de regionalismo que queremos levar em conta tenta empoderar essa dicção regional e não tratá-la como específica ou deslocada. Pelo contrário, localizar como regional permite que você crie uma cosmogonia própria que atinja o universal. É a partir dessa diferença, esse prisma que permite que se leia a universalidade nos interstícios do que parece regional e sectário, que *Apátridas* (2020), de Alejandro Chacoff, estabelece um insuspeito contato com livros constitutivos dos romances de ciclos econômicos dos anos 30, como os de José Lins do Rêgo ou Graciliano Ramos. No livro de Chacoff, a *memorabilia* de uma infância no Mato Grosso dá margem a uma exploração de um mundo regional decadente, à semelhança daquele mundo decaído de engenhos, fazendas e casas-grandes narrados pelos regionalistas do século XX.

Alejandro Chacoff, o autor, nasceu em Cuiabá em 1983 e se mudou para os Estados Unidos aos dois anos de idade. Morou no Chile, na Inglaterra e na Argentina e, desde 2016, trabalha como crítico literário da revista *Piauí*. *Apátridas* é seu romance de estreia, publicado pela Companhia das Letras, com orelha escrita por João Moreira Salles e contracapa por Daniel Galera. O livro recebeu algumas críticas em jornais respeitados do país, como *O Globo* e *Folha de São Paulo*.

O romance de Alejandro Chacoff começa com essa frase: “O dinheiro americano era simples. Sua cor e textura evocavam o mesmo tédio de Drexel Hill, nosso bairro na Filadélfia — o verde difuso dos pinheiros, as casas de tijolo idênticas e enfileiradas” (2020, p. 9). De corte profundamente brasileiro, *Apátridas* dá voz a um menino que sai dos Estados Unidos com a mãe e a irmã com destino para o Mato Grosso, numa casa na rua Otilés Moreira, de uma Cuiabá que se assemelha a todas as cidades brasileiras nos anos 80. Sair da Filadélfia para uma rua ensolarada onde “o asfalto queima os olhos” (CHACOFF, 2020, p. 9), para viver em uma casa apinhada de familiares e agregados que perguntam constantemente como são os carros nos Estados Unidos ou como se fala palavrões em inglês, também permite ao narrador, enviesado entre o olhar da infância e da maturidade distanciada, repensar a própria figura do pai e de seu país (ou de seus pais e seus países) de uma só vez. A relação com o dinheiro, tátil e confusa, é transmitida pelo narrador de modo lúdico:

Esse dinheiro mudava o tempo todo. Nas férias, quando voltávamos ao país, sempre havia alguma moeda nova em circulação (cruzados novos, cruzados velhos, cruzeiros — embora meu avô, com certo instinto pragmático, se referisse a tudo como “réis”). Mas mesmo as notas novas pareciam todas velhas. Tinham a cor gasta, a textura frágil, e eu tinha medo de

segurá-las com muita firmeza porque parecia que elas iam se dissolver na minha mão. (2020, p. 15)

Com essa mesma curiosidade material sobre a moeda corrente, essa cisão entre um mundo e outro, onde o dinheiro parece sempre antigo e arcaizado, o narrador passa a maior parte do romance rememorando sua infância nesse lugar onde agregados, familiares e jagunços acorrem à casa do patriarca (o avô). Esse mundo povoado de personagens aglutinados se assemelha ao universo decadente do Ciclo da Cana de Açúcar de José Lins do Rego, como em *Menino de Engenho* (1932) onde o menino Carlos descobre um mundo habitado por funcionários, feitores, coronéis, parentes e agregadores que acorrem ao engenho do seu avô, o Coronel José Paulino.

A construção memorial do pai, considerado inteligente e astuto, um chileno que possivelmente admirava Pinochet e odiava o Brasil, preocupado com seus ganhos e dividendos, retrata uma figura meio borrada em uma fotografia antiga, que se reúne com o filho-narrador aos pedaços, entre um encontro fortuito e outro, como uma sombra que surge e desaparece. Essa sombra ocupa o imaginário do narrador como mais uma presença da casa cheia de gente da rua Otilés Moreira, em Cuiabá: nela também habitam diversas figuras brasileiras, que

produzem um contraste entre o mundo paterno e tátil, cheio de dólares dos Estados Unidos, e um mundo materno empoeirado, sustentado por envelopes de dinheiro distribuídos pelo avô do narrador, José, rico oficial do cartório do Mato Grosso.

Além das imagens do pai chileno e da mãe que volta para o Mato Grosso, entre os diversos tios, primos e vizinhos há personagens curiosas que dividem aquele dia a dia fabular e rural com o narrador. São figuras peculiares, como um personagem esquizofrênico que atende pelo apelido de Comunista (cujas preferências políticas na verdade se parecem mais próximas do fascismo), ou arquetípicas daquele ambiente neo-coronelistas, como um jagunço chamado Romualdo, que serve a todos os propósitos do chefe José. Há ainda uma personagem contrastante, que representa a incursão de ideias progressistas naquele mundo em corrosão: a prima Elisa, estudante da USP e militante de esquerda que em visita à casa do avô é interpelada diversas vezes pelos parentes se ela é realmente stalinista ou não.

Esse modo de vida que parece interiorano se dá numa Cuiabá provinciana, onde carros ultrapassados para o período (como o modelo Gol da mãe do protagonista) dividem a paisagem com palmeiras de bocaiuvas, cujos

frutos caem numa piscina velha ou no chão de barro. A interlocução entre o rural e o urbano também se dá em uma passagem sobre um São João comemorado de modo típico naquele fragmento do Centro-Oeste:

Minha avó nasceu no dia 24 de junho, e todo ano meu avô organizava uma festa de São João para ela na fazenda, com muita comida, fogos e música. Parentes vinham da cidade e de outros pontos vagos do Centro-Oeste, e ocupavam os quartos, a sala do casarão, dormiam embaixo da mesa de bilhar. Na beirada do declive de terra que levava ao açude, sob uma cobertura de galhos espinhosos que lembravam a coroa sangrenta de Jesus (imagem ubíqua, essa), armava-se uma mesa longa de bufê. As travessas de aço inox — preenchidas de sarapatel, arroz com charque, costela de boi, feijão-preto, linguiça, coxinhas de frango, farofa de banana, doce de figo, goiabada e queijo — reluziam com seus brasões e desenhos barrocos; era como se elas quisessem assumir, por si sós, os custos do vazio imagético ao redor, dos campos vastos e do gado esparso no horizonte. (2020, p. 68)

Mas a tônica do romance não é fazer um inventário dos costumes tradicionais daquele lugar dentro do Brasil: é necessário afirmar que se trata de um romance memorialista com um imaginário regionalista circulando pela narrativa, onde as recordações daquela estadia num

universo decadente entre a crise monetária e uma espécie de neo-coronelismo se fundem a uma expedição pessoal pela própria formação. As relações que farão do protagonista depois um estudante em São Paulo, com o desejo de ser um “intelectual rico” (2020, p. 17) em Londres, quando mais velho, e por fim o farão rememorar os dias naquele mundo senhorial, levam o romance de Chacoff a utilizar o sotaque regionalista como um plano de arquitetura possível para reconstituir a própria identidade. A consequência dessa elaboração é um retrato brasileiro do vazio dos entre-lugares, batido (ou pintado) com paciência e algum afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHACOFF, Alejandro. **Apátridas**. 1ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CUNHA, Juliana. Resenha: Um Zé Lins do Rego revisitado. In **O Globo**, 06/03/2020. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/cultura/alejandro-chacoff-na-literatura-dinheiro-tabu-maior-do-que-sexo-24288631> > (Acesso em 27/02/2021).

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 87ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

Recebido em: 07-03-2020.

Aceito em: 27-04-2021.